

AS MINI-HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Danielle Klein Bressler
Gilneia Alencastro Cavalheiro
Juliana Gallina
Paulo Fochi
Rafaela Flores



Compartilhar com as famílias os percursos de aprendizagem das crianças na escola é uma função importante dos professores. Historicamente, a forma como esse compartilhamento é feito e o conteúdo desses registros estão sofrendo transformações a partir do modo como a escola vem percebendo a infância. Para nós do OBECI, a utilização das mini-histórias como um dos recursos que intermedia a comunicação entre família e escola tem papel relevante no estabelecimento de uma nova forma de relação e se configura como um dos instrumentos de mudança utilizados para alavancar processos democráticos de circulação de saberes.

Documentar os percursos de aprendizagem das crianças e dos grupos, registrar o que pensam, o que sentem, o que fazem, como estabelecem suas relações interpessoais, pelo que se interessam, o que aprendem e como aprendem, tem sido um aspecto fundamental para os professores das nossas escolas. Esses registros precisam tornar visíveis os processos da trajetória individual e de grupo das crianças na escola, ou seja, mostrar quais caminhos as crianças percorreram, por quais motivos percorreram e como foi a caminhada que se deu enquanto permaneceram na escola. Mapear esses processos, registrando-os, possibilita que uma sequência de atos posteriores ou concomitantes aconteçam, permitindo ao professor observar, refletir, questionar, narrar e compartilhar, para produzir conhecimento sobre a trajetória das crianças a partir do material documentado.

Como a prática pedagógica das nossas escolas se vale da Documentação Pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico, olhar para o cotidiano com vista a aprender a narrá-lo tem sido um exercício constante; logo, as mini-histórias têm se transformado em uma das formas de comunicar sobre a trajetória da criança dentro das instituições.

As mini-histórias são frutos do olhar apurado do professor em relação ao que as crianças estão fazendo, tornando especiais momentos que antes poderiam passar despercebidos e que são resgatados graças a uma concepção de aprendizagem, de criança e de currículo que acolhe as múltiplas experiências dos meninos e das meninas. A escrita das mini-histórias ocorre a partir da revisitação dos observáveis que o

professor produz sobre o cotidiano pedagógico, e, ao revisitá-los, tem a chance de compreender a complexidade das atuações infantis e saber narrá-las.

No OBECI, as mini-histórias são uma das formas de comunicação utilizadas (individualmente expostas em murais ou em postagens nas redes sociais) ou também podem compor com outras formas de comunicações dirigidas às famílias, seja junto aos relatos de desenvolvimento, na composição dos portfólios das investigações e nas mostras pedagógicas. A inserção das mini-histórias, como componentes deste material documental, permite, entre outras coisas, que se resgate a singularidade de cada criança e torne visível a complexidade do cotidiano pedagógico. Segundo Fochi (2019, p. 231),

a ideia da mini-história está ligada à revisitação dos observáveis produzidos pelos professores no cotidiano pedagógico. A partir de uma breve narrativa imagética e textual, o adulto interpreta esses observáveis de modo a tornar visíveis as rapsódias da vida cotidiana. Essas rapsódias são fragmentos poéticos, portanto sempre episódicos, que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo, tornam-se especiais pelo olhar do adulto que acolhe, interpreta e dá valor para a construção de uma memória pedagógica.

Observar e registrar o cotidiano pedagógico convida o adulto a despir-se de conceitos formados antecipadamente, impulsionando-o a se conectar com a ação da criança. Ao produzir observáveis⁴, o professor volta a sua atenção para as atuações da criança, permitindo-se observá-la com olhar atento e escuta refinada. Essa é uma forma de exercitar o

4. O termo observáveis é nomeado no interior do OBECI para os indícios gerados no cotidiano pedagógico, frutos da observação e do registro, que permitem ao adulto compreender a complexidade da ação das crianças, confrontar suas escolhas e problematizá-las para desnaturalizá-las. Trata-se de anotações do professor, fotografias, vídeos, exemplares de produções das crianças, gravações em áudio, o seja, registros que podem ser colocados sob análise e reflexão desde outros pontos de vistas (outros professores, coordenador pedagógico, outras escolas do OBECI) e que, em um intercâmbio ativo, ajudam a compreender as distintas explicações, visões e possibilidades que cada observável oferece (FOCHI, 2019, p. 217).

respeito à singularidade e ao protagonismo dos meninos e das meninas, registrar suas vozes e seus modos de pensar para comunicar através de histórias que revelam a prática de pedagogias abertas à pluralidade das identidades.

O compartilhamento das mini-histórias proporciona à comunidade escolar um importante diálogo com a instituição, na medida em que cria memórias ligadas às vivências e experiências das crianças. No momento em que o professor documenta os processos de aprendizagem da criança e compartilha com a comunidade que faz parte da vida dela, de modo democrático, sem assumir a postura de detentor inquestionável de uma verdade acerca dessa criança, abre-se espaço para uma aprendizagem solidária. Aprendizagem que também esse adulto fará sobre essa criança, ouvindo outros pontos de vista divergentes ou complementares, mas possibilitando que a complexidade do ser humano esteja melhor acolhida nos modos como comunicamos o cotidiano pedagógico. Não nos faltam exemplos nas escolas participantes do OBECI de famílias que se emocionam ao ler uma narrativa de uma mini-história e verbalizam o privilégio de poder acompanhar os percursos dos seus filhos através desse instrumento de comunicação.

Quando as mini-histórias passaram a ser utilizadas como instrumentos privilegiados da relação entre família e instituição nas escolas participantes do OBECI, entendemos que estamos reforçando o princípio expresso na legislação, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC-BRASIL, 2009; 2017), de que o processo educativo deve ser compartilhado entre família e escola. Isso posto, exige modificar o modo como usualmente a escola se dirige formalmente aos pais, por exemplo, entrega de pareceres semestrais, gerando novas estratégias de comunicação e relação e alterando a periodicidade desse encontro. No caso das instituições participantes do OBECI, o que temos feito é disponibilizar para as famílias, semanalmente, mini-histórias de cada turma através de murais ou das redes sociais.

Nesse contexto, as mini-histórias, além de estreitar essa relação

entre família e escola, também nos ajudam a convidar a todos para olhar as sutilezas da infância, tornando visível o quanto são especiais e carregadas de significado. Para as escolas do OBECI, tem sido um constante exercício chamar a atenção das famílias para esse instrumento, fazendo com que todos possam perceber a criança com esse novo olhar especial e poético, com o qual é descrita a mini-história. É sobre a importância desse instrumento que circula entre família e escola que vamos nos aprofundar a seguir.

O papel das mini-histórias na relação entre família e escola

No momento em que a escola compartilha com a família as mini-histórias, convida a olhar a criança a partir de novas perspectivas, mostrando a complexidade que há nas atuações dos meninos e das meninas. A partir das narrativas produzidas pelo professor, desvelam-se sutilezas muitas vezes despercebidas nos contextos familiares, tornando visíveis a riqueza das aprendizagens das crianças e o modo pelo qual aprendem o mundo.

A escola, ao revelar essas “rapsódias da vida cotidiana” (FOCHI, 2019), valoriza a potência do pensamento das crianças, convida as famílias a conhecer melhor e mais a criança. Mostra que é possível e belo ouvir com atenção, aguçar os sentidos do adulto para perceber a infância e contribuir para a construção de novos sistemas de relação entre família e criança: mais honestos e respeitosos. A partir do uso da mini-história como um dos meios de comunicação nas nossas escolas, alavancou-se um processo de educação para o respeito e reconhecimento da cultura infantil. São as escolas mostrando que é possível estar diferente ao lado das crianças, convidando as famílias a continuar essa forma de se relacionar com elas. Vamos ver a mini-história *Isabella e seu critério de seleção* para pensar sobre a importância de mostrar para as famílias as dinâmicas dos jogos sociais na escola que, além de ser parte importante do processo de socialização das crianças, muitas vezes não é percebida em contextos fora da escola.

MINI-HISTÓRIAS DA NOSSA EXPERIÊNCIA

Isabella e seu critério de seleção

E aqui começa o enredo de um empolgante dia na escola em que a Isabella trouxe seu patinete.

Chega pela manhã e avisa:

- Trouxe meu patinete!

E os amigos eufóricos questionam:

- Quem será o primeiro?

Então, a Isabella, que é

muito esperta, lhes diz:

- Já sei! Sentem no chão que eu vou escolher.

Após observar por um tempo, a Isabella decide:

- O primeiro vai ser quem tem a cor azul na roupa!

Marcos e Vicente olham para suas roupas e percebem que ambos têm a cor azul.

Nesse momento, Isabella pergunta:

- Tá! E quem tem a cor vermelha?

E, novamente, Marcos e Vicente observam suas roupas, e Vicente responde:

- Nós dois temos! Eu tenho na minha camiseta dos Vingadores.

Marcos fala:

- Também tem a cor ver-

melha na minha camiseta e, no meu tênis, tem um pouquinho do lado! Isabella então toma a decisão de que o primeiro seria o Vicente, porque o chinelo dele era o todo vermelho e o tênis do Marcos só tinha um pouquinho da cor vermelha.

- Pode ir, Vicente!

E muito empolgado Vicente então foi se aventurar!

Isabella chama:

- Vicente... Pode ir de novo! É dois minutos para cada um!

E, assim, a Isabella organiza seus amigos, até todos já terem brincado.



Crianças: Isabella/4 anos,
Marcos/4 anos,
Vicente/4 anos

Texto e foto: Raquel Duarte
Espaço Girassol -
Educação Infantil

Isabella, Marcos e Vicente são protagonistas dessa mini-história. Eles têm quatro anos e se deparam com uma situação de decisão e estabelecimento de critérios de prioridade de uso do patinete. As relações sociais, que se estabelecem entre quem detém o poder de decisão e aqueles que querem usufruir do brinquedo, evidenciam de modo claro o dilema que Isabella enfrenta ao ter que tomar essa decisão importante. Ela tenta estabelecer critérios imparciais e justos e vai deparando-se com a fragilidade de suas escolhas iniciais. Seu pensamento vai aprimorando-se para dar conta dos desafios que encontrou. No fim, ela mostra

seu contentamento ao conseguir estabelecer as regras que satisfizeram a todos, exercitando sua autoridade e poder de escolha, experienciando viver papéis sociais diversos.

Somente é possível dimensionar toda riqueza da transformação do pensamento lógico de Isabella, Marcos e Vicente, e as dinâmicas dos jogos sociais que se estabeleceram ali, porque essa cena ganha visibilidade nessa mini-história. Essa narrativa foi compartilhada com as famílias das três crianças como parte do relato de desenvolvimento que era enviado a elas mensalmente. Dificilmente, a especificidade do processo de pensamento e das relações ficaria tão claro, se esse relato estivesse sido descrito da forma que tradicionalmente vemos, dizendo por exemplo: "Isabella mantém um bom relacionamento com seus amigos". Essa forma não retrata a especificidade desses relacionamentos, não personaliza o modo como foi conduzido e não valoriza a estrutura do pensamento das crianças.

Quando a família se depara com mini-histórias como a descrita anteriormente, ela percebe as dinâmicas da aprendizagem que acontecem na escola de Educação Infantil. Isabella aprende com Vicente e Marcos e eles aprendem com Isabella uma infinidade de coisas. A aprendizagem, além de se estabelecer entre professor e criança, também se dá através das relações entre pares (criança e criança) e da criança com o seu contexto social.

Nesse sentido, as narrativas das mini-histórias podem ser instrumentos de mudança na compreensão que as famílias têm a respeito do processo de aprendizagem. Essas comunicações têm o poder de ampliar o campo de visão das famílias ao fazer com que percebam a importância da vida em comunidade. Os pais podem visualizar que o processo de aprender do seu filho está intrinsecamente atrelado às relações que acontecem dentro do grupo do qual ele participa. No momento em que a família se dá conta desse fato, o contexto da escola se enche de um outro significado e a dimensão relacional da aprendizagem fica visível. A perspectiva da coletividade ganha força e os movimentos do grupo, a importância do outro, os ritmos e o senso de comunidade ganham espaço no olhar das famílias.

As mini-histórias a serviço da reflexão para a avaliação na Educação Infantil

As pedagogias tradicionais têm uma marca no modo como acompanham as aprendizagens das crianças e de como comunicam às famílias. No caso da Educação Infantil, o uso de pareceres descritivos semestrais como principal instrumento de acompanhamento e compartilhamento sobre a criança são uma marca forte desse diálogo. Em muitas escolas, esse modelo de registro semestral costuma ser a forma privilegiada de avaliação, transformando-se no único momento em que o professor escreve sobre a criança e a única comunicação formal encaminhada às famílias. Geralmente, são relatos empobrecidos quanto às aprendizagens dos meninos e das meninas, descrevendo sobre o quão próximo ou quão longe as crianças estão de marcos predefinidos ou quais aprendizagens ainda não desenvolveram. Esses marcos são construídos a partir de uma visão de criança abstrata, dando a entender que os contextos em que ela participa, pouco influenciam nas aprendizagens que as crianças podem ir construindo. Nesse tipo de comunicação, pouco se descobre sobre o que as crianças realmente sabem, fazem e, muito menos, sobre o modo como aprendem.

Superar essa visão tem sido um passo importante nas escolas participantes do OBEI. Compreender que é preciso criar um sistema de comunicação contínuo com as famílias e entender que, para acompanhar os percursos de aprendizagem das crianças, é preciso estar conectado com os modos como elas vivenciam o cotidiano pedagógico, tem sido um grande desafio. Essa transformação vem ocorrendo gradativamente e não se trata apenas de começar a fazer as mini-histórias, mas de transformar o modo como os professores e a equipe gestora têm entendido a relação entre a prática pedagógica desenvolvida e os processos de aprendizagens das crianças. Como consequência disso, a exigência de ampliar as formas de comunicação foi uma decorrência, já que, na medida em que aprendemos a conhecer melhor as crianças, mais e melhor podemos narrar sobre elas.

Compreender sobre o desenvolvimento infantil é importante para os professores da Educação Infantil, pois, ao conhecer a res-

MINI-HISTÓRIAS DA NOSSA EXPERIÊNCIA

O olhar de Gabriel

O espaço externo da escola apresenta diferentes possibilidades de investigação para as crianças todos os dias. Numa linda manhã de outono, enquanto as crianças brincavam, percebo que algo atrai o olhar de Gabriel e me aproximo. Ao notar minha presença, me faz um convite: "Olha Karin, tem pássaros!". Apontando na direção dos fios de luz continua: "Aqueles são grandes, olha!". Fico por algum tempo ao lado de Gabriel compartilhando da beleza do vai e vem daqueles pássaros e vou me encantando com a sensibilidade das crianças. Gabriel também convida a professora Carolini para apreciar o espetáculo da natureza. Que bom se nós adultos enxergássemos o mundo com o mesmo olhar das crianças.



Criança: Gabriel/ 2 anos
Texto e fotos: Karin e Sissa
Escola Municipal de Educação Infantil Joaquina



peito do desenvolvimento, faz com que aspectos pertinentes podem ser observados para auxiliar no planejamento do professor. Porém, o desenvolvimento infantil não pode servir para encaixar as crianças em marcos predefinidos ou para o professor utilizar como forma de diagnóstico.

As narrativas elaboradas pelo professor devem revelar a singularidade das crianças e as suas jornadas de aprendizagem. Por isso que em nossas escolas temos optado por utilizar as mini-histórias, pois permitem que essa comunicação aconteça com uma periodicidade maior (semanalmente), possibilitando que a escola dialogue com as famílias e construa uma espécie de "memória viva" das situações vividas pelas crianças no cotidiano da escola.

As mini-histórias: um convite à participação das famílias

As mini-histórias são um estilo de comunicação aberta, que convida a comunidade escolar a conhecer, a refletir e a criar suas próprias interpretações sobre as experiências das crianças na escola. É um modo da escola compartilhar sobre as maravilhas dos processos de aprendizagem dos meninos e das meninas, um convite para olhar a beleza dos acontecimentos cotidianos.



No exemplo da mini-história *O Olhar de Gabriel*, temos uma narrativa da professora sobre os interesses do menino pelo entorno físico. Mostra também o modo como Gabriel compartilha com os adultos seus interesses e de como esses acolhem sua narrativa. Nessa “rapsódia da vida cotidiana” (FOCHI, 2019), temos comunicado sobre as crenças e os valores da escola, sobre a relação adulto e criança e sobre os processos de construção de significado pelas crianças. Nessa escola, em particular, costuma-se utilizar as redes sociais para compartilhar as mini-histórias. Cabe ressaltar que, nesses casos, é fundamental que os pais tenham autorizado previamente, por escrito, a utilização das imagens das crianças em redes sociais institucionais. Isso não apenas assegura ao direito da criança em relação à sua imagem, como preserva as instituições de qualquer problema legal. Na mini-história sobre Gabriel, após o compartilhamento na rede social, a mãe do menino registrou:



Michele

É tão bom saber o quanto o Gabriel gosta de animais e tem uma sensibilidade enorme para ver as coisas. Obrigada profes por proporcionar momentos mágicos para nossas crianças.

Além das postagens em redes sociais, algumas escolas participantes do OBECI utilizam murais e varais para expor as mini-histórias. Geralmente, expõe-se uma mini-história referente à semana anterior. O local escolhido é um espaço em que seja possível que os pais e os demais familiares possam visualizar e acompanhar durante as chegadas e partidas. Também os professores e os outros colegas de trabalho da escola podem ir acompanhando o trabalho desenvolvido nas diferentes turmas através desse instrumento de comunicação.

Essa comunicação semanal tem contribuído muito com as instituições em relação a participação das famílias no cotidiano pedagógico. Mais ainda, tem também convidado os pais a conhecer as histórias das outras crianças e não apenas as dos seus filhos. Dessa forma, se fortalece que as famílias reconheçam a dimensão contextual e de pertencimento de grupo que as crianças fazem parte. Muda-se a lógica de endereçamento da escola apenas para os pais dos filhos, estendendo o convite para que conheçam as histórias das outras crianças.



Esse tipo de “exposição” traz consigo a oportunidade das famílias e da comunidade escolar ter conhecimento do que acontece dentro dos muros da escola, além de criar uma importante rede vital de conexão entre os envolvidos.

Uma outra forma que temos realizado o compartilhamento das mini-histórias é expondo-as na sala referência, na altura das crianças. Assim, também se devolve a elas o modo como se tem narrado sobre as suas vivências, abrindo espaço para que se reconheçam em suas histórias de aprendizagem. Assim, as crianças podem reviver momentos que aconteceram na jornada e perceber que as imagens estão contando sobre algo. Essa valorização dos registros leva a criança a compartilhar com a família, convidando-a para olhar junto.

É preciso, no cotidiano da escola, auxiliar as famílias a olhar para essa comunicação de forma a valorizar as marcas da cultura da infância. Tornar visível a jornada da criança no espaço escolar tem nos ajudado a mostrar a complexidade que há no trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, e de como a relação e a participação das famílias se faz importante, como exemplificado aqui, nas fotos que ilustram o momento em que mãe e filho conversam sobre as vivências ocorridas na jornada, a partir das mini-histórias.

Ainda em relação ao conteúdo das mini-histórias, as relações que as crianças estabelecem entre elas, delas com os adultos e com o seu entorno físico e social compõem o interesse do professor. Tal como aponta as DCNEI (BRASIL, 2009), são as interações e a brincadeira que devem estruturar e sustentar o currículo em uma escola da infância, logo, também, são daí que derivam os conteúdos das narrativas nas mini-histórias. Também as mini-histórias podem narrar sobre as crianças em suas aventuras sozinhas ou na companhia dos amigos e de outros adultos. Trata-se de uma forma dinâmica e suficientemente aberta para as diferentes configurações e possibilidades que emergem no cotidiano da Educação Infantil. Como exemplos, compartilhamos as mini-histórias: *O que será que está sendo observado e Amigos... sim, desde o início:*

As escolas participantes do OBECI vêm valendo-se das mini-histórias como uma das formas de intermediar os diálogos com as famílias. Com isso, temos observado que mudanças significativas estão acontecendo em relação a esse diálogo com as famílias. Ampliar e qualificar o diálogo é algo que temos cultivado, por entendermos o potencial comunicativo e transformador que a escola pode oferecer às famílias e à comunidade.



MINI-HISTÓRIAS DA NOSSA EXPERIÊNCIA

O que será que está sendo observado?

Uma divertida brincadeira acontece em nosso quintal, pega-pega, e Vinicius está atrás do Enzo a fim de alcançá-lo. Será que vai conseguir pegá-lo? Mas Enzo tem uma grande ideia e, com o um objeto encontrado cria o que parece ser uma luneta. O que será que está vendo? Observa o observável. Talvez tenha conseguido visualizar o Vinicius para saber a hora de correr. Só Enzo sabe o que realmente está a ver.

*Crianças: Vinicius/ 3 anos e Enzo/ 3 anos
Texto e fotos: Morgana Rodrigues
Escola Municipal de Educação Infantil Aldo Pohlmann*



Amigos... sim, desde o início

“Afinidade não se explica, amizade não se força e sentimento não se controla.” Assim esses dois meninos se encontraram e criaram um laço de amizade. De colegas, se tornaram amigos. Uma história de alegria que se repete todos os dias em que brincam. Criam, transformam-se e vão para onde a imaginação os levar. O abraço mostra essa felicidade em terem se encontrado. Como o próprio Pedro disse, quando não viu o seu amigo em um dia na escola: “Tô com falta do Enzo!”

Crianças: Vinicius/3 anos e Pedro/3 anos

Texto e fotos: Morgana Rodrigues

Escola Municipal de Educação Infantil Aldo Pohlmann



Referências

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB 2017. Disponível em: http://basenacional-comum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2019.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: DF, 2009.
- FOCHI, Paulo Sergio. **A documentação pedagógica como estratégia para construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil - OBEI**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2019. 346 p.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia; PASCAL, Christine. **Documentação pedagógica e avaliação na Educação Infantil: um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019.